



FOTO: CICERO RODRIGUES

A chamada leitura de mentes gradualmente abandona o cenário do charlatanismo para ingressar na digníssima e vetusta neurociência

Seguramente já perguntamos, ao dialogar com alguém, em algum momento de nossas vidas: “Em que você está pensando agora?” Embora essa incapacidade de perscrutar o pensamento alheio possa, às vezes, gerar frustrações, também indica, felizmente, que ainda podemos considerar a mente o nosso foro mais íntimo. Mas não por muito tempo. A chamada leitura de mentes gradualmente abandona o cenário do charlatanismo para ingressar na digníssima e vetusta neurociência.

A prospecção do pensamento não é apenas um capricho. Interessa a órgãos de segurança (pode levar a melhores detectores de mentiras), empregadores, políticos e, sobretudo, publicitários. É nessa última área que há muito investimento, pois saber como pensam as populações vale bilhões de dólares. Mas o que há de ciência nisso?

Em um artigo muito interessante – ‘A evolução cultural da leitura de mentes’ – publicado na revista científica *Science*, os psicólogos norte-americanos Cecilia Heyes e Chris Frith desenvolvem a hipótese de que ler mentes é uma habilidade que pode ser adquirida por treinamento, de modo semelhante ao aprendizado da leitura. Ambos exigem grande esforço intelectual inicial, para adquirir a capacidade de transformar símbolos em informação. A diferença é que, ao ler mentes, os sinais não são gráficos, e sim expressões faciais, movimentos corporais e locuções que traem o estado mental das pessoas. Também está em jogo o processamento de dados que antecipa conclusões em função da lógica presente no mundo físico.

Os autores até sugerem que a leitura de mentes é uma característica cultural inata (herdada, portanto), uma vez que crianças muito jovens são capazes de fazê-lo, em certa medida. Também apontam as semelhanças entre os dois processos (leitura gráfica e de mentes), destacando aspectos de ambos que parecem se subordinar às mesmas faculdades, como interpretar o significado de sinais, envolver especialização neural, ser afe-

tados por distúrbios do desenvolvimento, variar em razão de diferenças culturais e outras.

Com base na neurofisiologia, outras abordagens têm sido exploradas, lançando mão de equipamentos cada vez mais sofisticados. Grandes empresas que desejam conhecer melhor o seu mercado têm solicitado cada vez mais a ajuda de especialistas para aperfeiçoar aquilo que denominam ‘pesquisa direcionada’. Em essência, essa se destina a investigar a aceitação de produtos diversos, apresentados por comerciais exibidos na televisão, no cinema e na imprensa.

O método mais popular é o eletroencefalograma (EEG). Na área médica, o EEG exhibe ondas que, associadas aos fenômenos elétricos do sistema nervoso central, podem revelar anomalias resultantes de vários tipos de lesão. Já para ler a mente, os peritos dissecam tais ondas, dividindo-as por faixas de frequências específicas que, por sua vez, podem ser associadas a aspectos como atenção, motivação e memória.

Equipamentos mais sofisticados podem agregar outros parâmetros. Medir o fluxo sanguíneo em determinadas regiões do cérebro também permite avaliar o estado emocional dos indivíduos testados. A empatia é um dos parâmetros medidos e, em conjunto com os demais, ajuda a traçar o que se passa na cabeça de pessoas expostas a situações reais ou simuladas em dado momento.

Essas ferramentas cada vez mais informativas decorrem do progresso feito na neurobiologia e gradualmente permitirão vislumbrar com precisão o panorama mental das populações. Não é exagero nem paranoia imaginar que, montando-se um banco de dados suficientemente robusto, será viável fazer previsões acuradas sobre as reações da coletividade a determinados estímulos e circunstâncias. Se, por um lado, a leitura de mentes poderia contribuir para tornar as sociedades mais felizes, por outro o controle e a manipulação poderiam vir a reboque. Utopia ou distopia, eis a questão. **CH**

FRANKLIN RUMJANEK

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br